

Dólar faz dívida do 3º Mundo cair

Paris — Pela primeira vez o montante total da dívida do Terceiro Mundo baixou - ainda que ligeiramente - em 88: de US\$ 1,276 trilhão em 87 para US\$ 1,240 trilhão em 88. A informação consta de um documento publicado ontem em Paris, pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

O abatimento na dívida dos países periféricos se deu, principalmente, por causa das variações cambiais do ano passado. A alta do dólar americano reduziu o cálculo da dívida em marcos alemães e ienes japoneses.

Sem dúvida, segundo os economistas da OCDE, essa é a primeira vez que a dívida do Terceiro Mundo diminui, depois de seu crescimento vertical desde o início dos anos 70. Segundo eles, a desaceleração no crescimento da dívida iniciou-se, na verdade, durante o

biénio 86-87, período em que esse resultado ficou oculto por causa da queda do dólar no mercado mundial, que teria provocado um aumento no valor nominal da dívida.

Em termos reais, o endividamento dos países em desenvolvimento continuou no ano passado, mas em ritmo mais lento (3%).

O montante nominal em dólares relativos aos juros também subiu, ano passado, em quase US\$ 20 bilhões para chegar a US\$ 177,9 bilhões, contra US\$ 156,5 bilhões em 87.

A OCDE explica essa alta, baseada no aumento das taxas de juros e também por causa dos reembolsos feitos às instituições multilaterais como o FMI e o Banco Mundial. Mas, pela cotação de câmbio constante, os juros da dívida caíram quase que ao nível de 85.

A OCDE destacou também que

"a baixa dramática dos investimentos nos países em desenvolvimento parou em 1987-88". Em 1988 os investimentos líquidos aumentaram em US\$ 6 bilhões, até chegar aos US\$ 103 bilhões. A dívida do setor público aumentou 8% em valor nominal, ao passo que a do setor privado diminuiu 8%. O documento mostrou, ainda, que há aspectos regionais no tratamento da dívida entre os vários países do Terceiro Mundo.

A Ásia cresce sem grandes problemas com o pagamento da dívida (exceto o caso das Filipinas). Países como Coréia e Cingapura chegam até a ter superávit.

Na América Latina a dívida continua a crescer, mas na maioria dos países, em ritmo lento: os empréstimos bancários não acusaram qualquer redução real, mas algumas operações vêm dando resultado e amenizando o endividamento.